

O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E O PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO

Sara Moreno Cyrino Carvalho¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo principal relacionar os conceitos de globalização e desenvolvimento econômico. Dessa forma, buscou-se aqui realizar um exercício teórico acerca da globalização, discorrer sobre o processo histórico que originou a ideia de desenvolvimento econômico e correlacionar os conceitos de globalização e desenvolvimento econômico. O trabalho foi realizado através da revisão bibliográfica de autores que discutem a respeito destes temas. Entende-se como resultado deste trabalho que o processo de globalização não se efetivou e que a ideia de globalização e de desenvolvimento econômico fazem parte de um mesmo processo histórico, a saber, a consolidação do sistema capitalista.

Palavras-chave: crescimento Econômico, desenvolvimento, globalização

ABSTRACT

This article aims to relate the concepts of globalization and economic development. Thus, we sought to accomplish here a theoretical exercise about globalization, glossing over the historical process that gave rise to the idea of economic development and to correlate the concepts of globalization and economic development. This work was accomplished through literature review of authors who discuss about these issues. It is understood as a result of this work that the globalization process was not carried out and that the idea of globalization and economic development are part of the same historical process, namely, the consolidation of the capitalist system.

Key-words: economic growth, development, globalization

¹ Bacharel em Relação Internacional Pela Universidade Federal do Pampa e mestranda pelo PPG em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria.

Introdução

A ideia de desenvolvimento econômico e de globalização, por vezes, não fica claro na literatura a inter-relação destes dois conceitos. A reflexão acerca do aprofundamento dos fluxos internacionais por meio das tecnologias gerou um extenso debate entre os teóricos em torno do tema da globalização, em que se revela uma divisão entre os otimistas, os céticos e os críticos ferrenhos. Estes últimos entendem que o processo globalização impede o desenvolvimento econômico de algumas regiões e consequentemente aumenta a desigualdade em torno do mundo. Já conforme os otimistas, a globalização óchatou o mundo por meio das facilidades que a tecnologia proporciona e as relações humanas nunca estiveram antes tão interconectadas. Já para os céticos, a globalização não se efetivou e que a atual realidade não passa de relações internacionais facilitadas pelos meios de comunicação e transporte.

Neste trabalho tem-se a intenção de realizar uma reflexão teórica, através da revisão bibliográfica, acerca da globalização e observar se este fenômeno é um fator impeditivo para o desenvolvimento econômico das regiões. Dessa forma, o objetivo central deste trabalho é relacionar os conceitos de globalização e desenvolvimento econômico. Para isso se definiu três objetivos específico: realizar um exercício teórico acerca da globalização; discorrer sobre o processo histórico que originou a ideia de desenvolvimento econômico e correlacionar os conceitos de globalização e desenvolvimento econômico.

O esforço teórico se justifica pela emergência do tema, tanto no sentido de surgimento como no sentido de urgência. Buscar entender a globalização e o desenvolvimento econômico é estar atento para a realidade atual das relações sociais, políticas e econômicas, que norteará o futuro. Quanto mais os cientistas políticos e sociais do nosso tempo conseguirem elaborar discussões que se aproximem da realidade atual, maior serão as chances de que o futuro seja mais próspero, autossustentável e menos desigual.

De forma geral, buscou-se aqui estruturar o trabalho da seguinte forma: realizar uma breve reflexão histórica; em seguida, discutir alguns conceitos acerca da globalização e do desenvolvimento econômico e por fim, correlacionar ambos os conceitos a fim de retirar as considerações finais, que ainda são bastante incipientes.

Uma breve reflexão sobre o processo histórico

A ideia de desenvolvimento econômico é resultado de um processo histórico, que segue acompanhado com a formação dos Estados-nação e a revolução capitalista. Conforme Bresser-Pereira, o desenvolvimento econômico tende a ser condicionado e autossustentado na proporção em que ocorre os incentivos para o acúmulo de capital e de conhecimento técnico através dos mecanismos de mercado inseridos no sistema capitalista. Assim, os dois fatores fundamentais a determinar, diretamente, o desenvolvimento econômico são as taxas de acumulação de capital em relação ao produto nacional, e a capacidade de incorporação de progresso técnico à produção (BRESSER-PEREIRA, 2006, p. 02).

O processo histórico que envolve a ideia de desenvolvimento econômico se inicia com a revolução agrícola, que foi o primeiro passo para se chegar na revolução capitalista. Pois, foi a partir do progresso e da invenção de novas ferramentas para aumentar a produção agrícola, na Europa, que se gerou o excedente econômico suficiente para investir no comércio e na industrial. Em um primeiro momento, este excedente garantiu o comércio de bens de luxo entre Europa, Norte da África e Oriente Médio; posteriormente, em nível mundial. No século XVIII se inicia a Revolução Industrial e a racionalidade se expressa em um meio mais especificamente [lógico] de alcançar o lucro: a aceleração do progresso torna sistemática a incorporação de novas tecnologias, e o consequente aumento da produtividade passa a ser condição de sobrevivência das empresas (BRESSER-PEREIRA, 2006, p. 04). O avanço da tecnologia da mecânica, em um primeiro momento, gerou como consequência a produção em massa, o progresso das tecnologias da informação e o aprofundamento da competitividade em níveis globais. Este movimento deu origem ao fenômeno que tem se denominado globalização.

Conforme Ocampo (2002), o processo de globalização se deu em três fases: a primeira, de 1870 a 1913, que teve como característica a crescente mobilidade do capital e da mão-de-obra. Além disso, se presenciou a proeminência do comércio em decorrência da redução nos custos dos transportes. A Primeira Guerra Mundial, que se iniciou em 1914, interrompeu essa primeira fase e representou um período de retrocesso do processo de globalização que estava em andamento. Após a guerra, se iniciou um novo momento de integração e foi entre os anos de 1945 e 1973 que ocorreu a segunda fase de globalização, que evidenciou a criação de instituições de cooperação internacional tanto política como

econômica; o incremento do comércio de manufaturas entre os países desenvolvidos; a variedade de modelos econômicos e o decréscimo da mobilidade do capital e de mão de obra.

A terceira fase do processo de globalização ocorreu no final do século XX, no qual se observa a progressiva difusão do livre comércio; o surgimento de corporações transnacionais²; uma maior mobilidade dos capitais e a homogeneização dos paradigmas em torno do desenvolvimento. Todo este processo segue acompanhado do incremento da tecnologia e da informação. Assim, conforme Ocampo:

As raízes deste longo processo nutrem-se na sucessão de revoluções tecnológicas, particularmente aquelas que conseguiram reduzir os custos de transporte, informação e comunicações. A diminuição radical do espaço, no sentido econômico do termo, é o efeito acumulado da redução dos custos e do desenvolvimento de novos meios de transporte. Por sua vez, a informação em òtempo realò apareceu, pela primeira vez, com o telégrafo, e se estendeu, posteriormente, com o telefone e a televisão. Todavia, o acesso maciço à mesma é uma característica das tecnologias recentes da informação e comunicações, que conseguiram reduzir radicalmente os custos de acesso, embora não ocorra o mesmo com o custo de processamento e, portanto, de seu emprego de forma útil (OCAMPO, 2002, p. 19).

De forma geral, a ideia de desenvolvimento econômico e de globalização faz parte de um único processo que se dá no sistema capitalista. Este processo se inicia na revolução agrícola, que antecede a revolução industrial na Europa, e se complexifica na medida em que há um alargamento do espaço onde ocorrem as trocas comerciais. Por sua vez, o crescimento econômico que é gerado através do comércio motiva o avanço tecnológico, que oferece condições suficientes para que as relações econômicas se tornem cada vez mais facilitadas e interdependentes.

Mas, qual é o conceito de globalização?

2 Conforme Hirst e Thompson (2001) é preciso estar atento as diferenças entre corporações multinacionais e corporações transnacionais, que por vezes tem uso indiscriminado. Dessa forma, as primeiras são empresas que tem uma base no seu país de origem e buscam o ambiente internacional para produzir e comercializar parte dos seus produtos. Além disso, para as corporações multinacionais, os concorrentes internacionais influenciam nas estratégias adotadas. Já as corporações transnacionais têm seu capital genuinamente livre, operando espontaneamente sem regulamentações de governos nacionais. Assim, as corporações transnacionais comprariam, produziriam e forneceriam em âmbito global conforme suas próprias regras e oportunidades.

Conforme Ramos, há cinco definições para a globalização. Em primeiro lugar estaria uma noção que concebe a globalização em termos de *internacionalização* (RAMOS, 2005, p. 100, grifo do autor). Neste caso, o global tem a mesma conotação que relações transfronteiriças; e a globalização é a intensificação da interdependência e das trocas comerciais dessas relações. Ramos explica que não é necessário a utilização da palavra globalização para explicar processos prévios de internacionalização e que as terminologias utilizadas nas Relações Internacionais é capaz e suficiente para explicar as transações e interconexões transfronteiriças.

A segunda forma de definir a globalização é entender esse processo como um meio de liberalização, um mundo global seria aquele sem barreiras regulatórias para a transferência de recursos entre as fronteiras (RAMOS, 2005, p. 101). Esta definição é utilizada em grande medida pelos teóricos neoliberais e pelos seus críticos mais rígidos. Segundo Ramos, usar a palavra globalização para definir o processo de liberalização não é adequado, uma vez que o termo livre comércio é perfeitamente capaz de lidar com esse fenômeno (RAMOS, 2005, p. 101).

Há também um terceiro modo de entender a globalização, que é vê-la como um sinônimo da universalização. Nesta visão, o processo de globalização é entendido como um movimento que gera uma síntese global das diversas culturas existentes. No entanto, esta interpretação gera inúmeras contestações, em que globalização geraria na verdade um processo de localização, como por exemplo, a divisão histórica das sociedades em torno das religiões. Dessa forma, não é apropriado utilizar a ideia de universalização para explicar a globalização.

O processo de ocidentalização e modernização é a quarta maneira de explicar a globalização, estando assim associada a um processo de homogeneização na medida em que todo o mundo se torna ocidental, moderno e, particularmente, norte-americano (RAMOS, 2005, p. 102). Destarte, o modo de viver através do capitalismo, do racionalismo e do industrialismo se expandiu mundo afora, destruindo a livre escolha de culturas já existentes. A respeito disso, Ramos entende que:

Neste caso também nota-se fenômenos não recentes, sendo que, assim, conceitos como modernização e imperialismo são mais do que suficientes para lidar com as ideias de ocidentalização, americanização e europeização, o também não necessitando, assim, do conceito de globalização. (RAMOS, 2005, p. 102).

Por último, Ramos entende que a globalização estaria vinculada a ideia de desterritorialização ou de supraterritorialização, ou ainda, transplanetarização. Ou seja, um único espaço social compartilhado em âmbito global, que é instrumentalizado e condicionado pela tecnologia e pela economia. Neste cenário, o desenvolvimento seria realidade para as mais remotas sociedades, pois todos teriam condições prévias de participar da dinâmica global de forma ativa. Ou seja, as mais diversas sociedades teriam condições tecnológicas e financeiras competitivas para garantir as melhores chances de vida para os seus indivíduos. Dessa forma, não se trata meramente da intensificação dos fluxos financeiros, de pessoas ou de informações; trata-se sim, de uma rede, com um emaranhado de relações, que envolve em nível global todos os indivíduos.

Em um mundo globalizado as fronteiras são substancialmente transcendidas, em que o processo de configuração do espaço se dá além do territorialismo³. Para Hirst e Thompson, globalização, do ponto de vista econômico, deveria apresentar uma nova estrutura organizacional econômica, que superasse as relações de trocas internacionais que existem. Nas palavras do autor:

a globalização, em seu sentido radical, deveria ser considerada como o desenvolvimento de uma nova estrutura econômica, e não simplesmente uma mudança conjuntural voltada para um maior comércio e investimento internacionais dentro de um conjunto existente de relações econômicas. Um tipo ideal extremado a partir desse ponto de vista nos habilita a diferenciar *graus* de internacionalização, eliminar algumas possibilidades e evitar confusão entre declarações (HIRST E THOMPSON, 1998, p. 22).

Para Castro, a globalização já é um fenômeno que se pode evidenciar e que demanda uma reorganização por partes dos diferentes subsistemas que integram os atuais sistemas sociais, econômicos e políticos. Conforme o autor explica (2009, p. 228), existem elementos e

3 Os conceitos de território, territorialidade e territorialismo recebem diversos pontos de vista. Para este trabalho, entende-se como território um espaço que dispõe de recursos naturais sobre o qual uma sociedade postula o direito de acesso e de controle. A colaboração de Ratzel também é bem-vinda, em que entende o território como um espaço que está sob o resguardo humano e que a gerência política se reflete na figura do Estado. Já em relação a territorialidade pode ser interpretadas como uma forma de representação de controle territorial, sugere o uso do termo (noção) de territorialismo, uma vez que o territorialismo significa uma estratégia (CANTELMO et al., 2005, p. 364).

instituições com rearranjos espaciais básicos que participaram do processo de globalização, são eles o capital, a empresa, o mercado, o trabalho, o Estado e o território.

O capital financeiro instrumentaliza os mercados e foi o primeiro a se beneficiar dos avanços tecnológicos nas telecomunicações, em virtude do aumento na quantidade e na velocidade das transações financeiras ao redor do mundo. Conforme Castro, o capital achatou a relação tempo e espaço, o que se desterritorializa e pressiona para o fim de toda e qualquer barreira representada por fronteiras nacionais e regulamentos de governos que reduzam a sua fluidez (CASTRO, 2009, p.229). O autor aponta a distinção entre o capital financeiro e o capital produtivo, em que este último se caracteriza pela sua notória vinculação ao território e que nos dias atuais está incluso na dinâmica global de estratégias no planejamento produtivo através das possibilidades disponíveis na logística.

Para Hirst e Thompson, críticos do processo de globalização, a mobilidade do capital não está produzindo uma transferência maciça de investimentos e de empregos dos países avançados para os países em desenvolvimento (HIRST E THOMPSON, 1998, p.15). Ou seja, o capital não está se desterritorializando como defende Castro, o capital continua concentrado nas economias industriais mais avançadas dos países desenvolvidos, que facilita o constante crescimento. Enquanto que nos países em desenvolvimento continua em situação de marginalidade em relação aos investimentos e as trocas, que dificulta o progresso tecnológico fundamental para participar da dinâmica global.

Até mesmo a mobilidade de mão de obra não foi amplamente facilitada, como defende Castro, para um trabalhador pleitear um emprego em um outro país é necessário que este tenha condições prévias de qualificação e financeiras, além dos trâmites burocráticos e formais que este trabalhador será submetido para a sua entrada no país estrangeiro.

O segundo elemento que Castro apresenta é a empresa e, assim como o capital produtivo, apresenta vínculos territoriais, mas que não suprime a possibilidade de atuação das empresas hegemônicas simultaneamente em diversos lugares do planeta fomentando uma concorrência sem freios ou fronteiras (XAVIER, 2009, p. 59). Dessa forma, atuar de modo dinâmico, buscando tecnologia e eficiência, é essencial para se garantir a sobrevivência e a competitividade no mercado. E ainda, conforme Castro:

A garantia dos padrões de competitividade das empresas globalizadas depende ainda de sua capacidade inovadora, o que lhes impõe a necessidade de pesados

investimentos em pesquisas e desenvolvimento. Associadas ou individualmente, elas hoje investem cada vez mais em pesquisas científicas, e em alguns casos ultrapassam os governos, o que reforça seus trunfos nas transações. A corrida pela inovação afeta pois tanto as empresas tradicionais como as empresas novas. As novas regras do jogo são draconianas e não perdoam indecisões e lentidão. Se a periferia do mundo capitalista entra, como sempre, menos armada no jogo internacional, empresas tradicionais e aparentemente sólidas pelo faturamento e apoio político mostram-se também vulneráveis. (CASTRO, 2009, p. 232).

Nessa dinâmica competitiva, a guerra entre as empresas cria também a guerra entre lugares (XAVIER, 2009, p.59) porque as empresas estão na busca da qualidade diferenciada de fatores, como: mão de obra qualificada, em infraestruturas adequadas e de políticas fiscais flexíveis. Deste modo, as localidades buscam maneiras de se tornarem mais atraentes para as empresas, pois lugares dotados de qualidades especiais é um trunfo na competição (XAVIER, 2009, p.59). Em virtude da preferência, por parte das empresas, por lugares que oferece maiores e melhores capacidades produtivas e competitivas é que a globalização torna-se uma ilusão. Não houve a inserção de todas as localidades e comunidades na dinâmica global, trata-se de um processo excludente e não de interconexão e inter-relação. Isso fica mais claro quando Cruz explica que as grandes empresas ainda se concentram na tríade Estados Unidos, União Europeia e Japão:

as 50 primeiras empresas da lista das 100 maiores de 2006 permaneceram relativamente estável em relação à década de 90, com a General Electric (Estados Unidos) na liderança seguida pela British Petroleum. Por país de origem, 85 das 100 maiores empresas estão localizadas na Tríade (Estados Unidos, União Europeia e Japão), e apenas 10 novos entrantes de oito países diferentes, sendo 6 o número de empresas dos países em desenvolvimento. Os setores que dominaram este ranking foram, a indústria automotiva (13), petróleo (10), equip. eletro-eletrônica (9) utilidade pública (8), telecomunicações (8) e farmacêutica (7). Estes setores foram dominantes em 55% das 100 maiores TNCs (CRUZ, 2009, p. 09).

O terceiro elemento que Castro apresenta é o mercado, que é a instituição central do processo de globalização (CASTRO, 2009 p. 233). Assim sendo, o autor aponta que antes não havia um fluxo tão grande de trocas comerciais entre os países como as que ocorrem nos dias atuais. Isto evidencia que, de fato, o mercado tornou-se global e tem propiciado expectativas de consumo, principalmente, da classe média espalhada por todo mundo.

Para Hirst e Thompson, os fluxos crescentes de trocas comerciais não é uma característica da globalização, mas sim, de uma economia inter-nacional, em que o comércio e os investimentos produzem interconexões crescentes entre [as] economias ainda nacionais

(HIRST E THOMPSON, 1998, p. 23). A globalização representa uma rearticulação real da economia a nível global, em que o nível nacional é permeado e transformado pelo internacional (HIRST E THOMPSON, 1998, p. 26). Neste cenário, o desafio fundamental das autoridades públicas seria a efetiva dificuldade política de regulamentação.

O trabalho é o quarto elemento que influi no processo de globalização, sendo que é o mais afetado pelas transformações dos setores produtivos e que apresenta maior repercussão social. Os novos preceitos da competitividade impõem às empresas que a quantidade de mão de obra seja reduzida e mais qualificada, sendo, por esse motivo, que as empresas se deslocam para locais que ofereçam mão de obra qualificada, barata e com melhores condições de infraestrutura para a produção.

Conforme Chossudovsky, a economia mundial é caracterizada pela transferência de parte substancial da base industrial dos países desenvolvidos para localidades de mão-de-obra barata dos países em desenvolvimento (CHOSSUDOVSKY, 1999, p. 65). Segundo o autor, a reforma econômica que ocorreu nos países em desenvolvimento, incentivada pelo FMI a partir da década de 90, para a regulamentação dos níveis salariais e dos custos do trabalho é o estímulo para a globalização da pobreza porque a produção internacional baseada em mão de obra barata reprime a demanda interna e destrói a produção nacional para o mercado interno, em virtude do baixo poder aquisitivo.

Em outras palavras, é transferida para os países em desenvolvimento a linha produtiva que requer uma mão de obra técnica e barata, amplamente ofertada pela sua rápida e fácil formação (fragmentada e especializada). Em consequência, essa massa de trabalhadores com baixa capacidade aquisitiva acaba por desfrutar de um rol bastante limitado de produtos importados. Até mesmo as empresas nacionais, por não ter um mercado interno em potencial, se focam no comércio internacional, em uma relação meramente comercial de exportação e não de intercâmbio agregador de ideias, tecnologias, modelos de gestão, entre outros. Neste sentido, tanto os trabalhadores não desfrutam da chamada globalização como também as empresas de pequeno porte não são capazes de ir muito além do comércio através da exportação.

Simultaneamente ao processo de deslocamento das empresas em busca de condições mais baratas e adequadas para a produção, existe também o fluxo de trabalhadores para países centrais no anseio de melhores oportunidades de empregos. Em meio a esse fenômeno migratório, há momentos de conflitos sociais e há momentos em que se desenham novos espaços políticos, que se organizam para o acolhimento dos trabalhadores estrangeiros. Além

disso, na atual conjuntura, por vezes, as negociações políticas em relação às condições do ambiente de trabalho ficam afetadas. Em algumas localidades os trabalhadores perdem significativamente seu poder de barganha, devido às possibilidades de mobilidade da base produtiva e do incremento tecnológico que reduz consideravelmente as necessidades de mão de obra. Nesse sentido, a luta sindical passa ser mais pela preservação do emprego do que pelo aumento salarial.

O quinto elemento que Castro apresenta é o Estado, definido como instituição do sistema. Ele é elemento detentor do aparelho jurídico para gerir a sociedade e o território e ainda que muitos autores digam que seu papel esteja sendo remodelado, não há evidências de um esgotamento expressivo da sua legitimidade e legalidade como gestor. Conforme Castro:

O Estado ainda estabelece as regras da disciplina do trabalho e da apropriação dos excedentes nos limites do seu território, embora seu papel dirigente na economia nacional esteja, na maior parte dos países, enfraquecidos, o que faz a felicidade do liberalismo radical. (CASTRO, 2009, p. 237).

O ambiente político, onde ocorre o jogo de interesses, seja do capital, seja da sociedade, se ampliou. Por esse motivo, quando a intenção é de se projetar no cenário internacional, os chefes de Estados devem ter em mente que é essencial a articulação das alianças nos espaços internos e externos do território.

O último elemento é o território, que é a arena privilegiada dos conflitos e opções colocados pela globalização (CASTRO, 2009, p. 241). Nesse sentido, a globalização impõe que a competição não ocorra tão somente entre as economias nacionais, mas também em níveis locais. Aliás, alguns governos subnacionais possuem maneiras de articulação interconectada com o global. Além disso, para Castro:

O aumento da mobilidade dos fatores impõe aos governos nacionais a necessidade de estratégias para ampliar a competitividade sistêmica do conjunto ou de parte do seu território através do investimento nos fatores de menor mobilidade, como a qualidade da infra-estrutura tecnológicos e da mão-de-obra (CASTRO, 2009, 243).

De maneira geral, existem diversos outros conceitos e extensos debates acerca da globalização, que não se tem a intenção de explorar neste trabalho. O exercício teórico relativo à globalização realizado até aqui foi apresentado no sentido fundamental de explicitar

que este processo ainda não está consolidado, ainda existem grandes lacunas que evidenciam um mundo que organizado em ilhas, focos e grupos de interconexão. Mas jamais uma globalização, que é um fenômeno que transcende as interconexões.

O Desenvolvimento Econômico e o Processo de Globalização

A economia de uma nação goza de crescimento quando existe uma estratégia de desenvolvimento nacional, que envolva todos os atores internos econômicos, produtivos e políticos de forma acertada para a competição econômica internacional. Dessa forma, quando uma economia começa a crescer muito lentamente, senão a estagnar, é sinal de que sua solidariedade interna está em crise e que perdeu a [ideia] de nação (BRESSER-PEREIRA, 2006, p.02). Outrossim, as taxas de crescimento (aumento da renda *per capita*) não garante o desenvolvimento nacional, para isso é necessário que se efetive a distribuição de renda e o rearranjo de toda a estrutura econômica e social de uma determinada região. Assim, o crescimento e o desenvolvimento econômico são conceitos diferentes, mas inter-relacionados. Conforme Bresser-Pereira:

Um país cuja economia se baseie na exportação de matérias-primas ou de produtos alimentícios pode, por exemplo, apresentar um rápido crescimento de sua renda devido a uma súbita melhoria nas relações de troca, causada pela elevação do preço de seus produtos de exportação, ou mesmo um aumento da produção dos bens exportáveis causado pelo aumento da procura internacional ou pela abertura de novos mercados. Tal fato indica crescimento econômico, mas, na medida em que a renda extra obtida seja empolgada e consumida por uma minoria inteiramente desinteressada em realizar investimentos produtivos e diversificar a produção, não deveremos, a rigor, falar em desenvolvimento (BRESSER-PEREIRA, 2005, p. 80).

O desenvolvimento econômico está intimamente ligado aos processos históricos de um determinado local, no qual deve-se considerar a trajetória de como ocorreu a acumulação do capital e o incremento tecnológico. Além disso, o desenvolvimento econômico nasceu apoiado em duas ideologias: o liberalismo e o nacionalismo. Dessa forma, a ideia de desenvolvimento econômico se dá através do mercado e do Estado, o primeiro proporciona o acúmulo do capital, que gera crescimento econômico; o segundo, é a instituição fundamental para planejar estratégias de desenvolvimento.

A ideia de desenvolvimento econômico e de globalização carregam no cerne das suas definições elementos em comum, como o estado, o mercado, o capital e a tecnologia. Assim, ambos os conceitos, não são excludente entre si, fazem parte de um único processo que atingiu níveis maiores de complexidade, a saber, a Revolução capitalista. De todo modo, a globalização ainda não é uma realidade, o mundo atual possui focos ou ilhas de interconexão. Em um mundo que divide os desenvolvidos daqueles em desenvolvimento, não evidencia uma globalização de fato. Pois, se a globalização é um único espaço que amalgama o global e o local de forma substancial, seria necessário que todos em todas as regiões tivessem condições tecnológicas prévias suficientes para acessar e competir neste espaço único, ou seja, a consolidação da globalização depende previamente do desenvolvimento econômico de todas as localidades. Não se tem um mundo globalizado quando ainda há pessoas que têm dificuldades de acessar as informações até mesmo da sua própria localidade, quem dirá em nível internacional.

Dessa forma, não se pode afirmar que a globalização aprofunda as desigualdades e impede o desenvolvimento de algumas regiões, o mundo interconectado apenas evidência as desigualdades já existentes. Além disso, a desigualdade não é uma novidade do mundo contemporâneo. Conforme Casanova, ãem termos mais concretos, a (des)igualdade global é a soma de (des)igualdades no seio dos estados e aquela entre os estados, na medida em que esta última não tem se tornado obliterada pelos processos globais sistêmicosö (CASANOVA, 2008, p. 66).

Em países como Brasil, não é o fenômeno da globalização que impede o desenvolvimento econômico no país, mas sim a sua dificuldade histórica interna de organizar as relações sociais, políticas e econômicas. A elite nacional se relacionou de forma dependente com as grandes potências, a fim de garantir seus próprios benefícios. Esta elite, sem dúvida, percebeu uma grande facilidade no seu poder de articulação internacional com o mundo interconectado através das tecnologias. Mas, não se trata de relações que foram criadas a partir dos fluxos internacionais, elas já existiam e depois foram facilitadas. Conforme Bresser-Pereira:

Grandes países asiáticos, como China e Índia, foram subdesenvolvidos enquanto eram parte de impérios industriais, mas no momento em que obtiveram sua independência deixaram de ser subdesenvolvidos, porque seu povo e suas elites mostraram-se nacionalistas e passaram a adotar suas respectivas estratégias

nacionais de desenvolvimento. Já os países da América Latina libertaram-se politicamente no início do século XIX, mas suas elites continuaram cronicamente dependentes, considerando-se europeias, e, por isso, os países continuaram subdesenvolvidos, incapazes de realizar sua revolução capitalista (BRESENER-PEREIRA, 2011, p. 158).

De forma geral, em um sistema global [1] as diferentes economias nacionais são incluídas e rearticuladas no sistema por processos e transações internacionais (HIRST E THOMPSON, 1998, p. 26), não se trata de meros fluxos localizados e excludentes. Em um mundo efetivamente globalizado até mesmo as elites políticas e econômicas teriam dificuldades de operar, pois estariam inseridas em um ambiente onde as forças de mercado seriam globais, autônomas e incontroláveis.

Conclusão

Dos trabalhos realizados nas ciências sociais e humanas não é possível chegar a conclusões, mas sim em considerações finais, em virtude da possibilidade de observar um mesmo fenômeno com diferentes olhares e lhe atribuir as mais diversas interpretações. Isso ocorre porque o pesquisador ao mesmo tempo em que observa é também observado, já que faz parte como ator político e social do contexto pesquisado. Além disso, as relações sociais estão em constante movimento. Dessa forma, apresentam-se aqui algumas considerações finais, que ainda são bastante incipientes.

A ideia de globalização e de desenvolvimento econômico está envolvido em um mesmo processo, a saber, o sistema capitalista. De todo modo, a globalização não é um fenômeno que se efetivou ainda, já que a sua consolidação depende de uma reestruturação territorial, econômica, social e política de maneira global. Observa-se que a atual realidade diz respeito as relações internacionais que conectam grupos, aqueles que tem as maiores possibilidades econômicas e tecnológicas.

Dessa forma, a globalização se tornará realidade quando todas as localidades conseguirem atingir de forma substancial o desenvolvimento econômico. Pois, é através do crescimento econômico e sua distribuição é que todos os indivíduos em todas as localidades

terão condições de acessar o ambiente global, que levará a um processo de reorganização mundial em todos os âmbitos de relações sociais.

Por fim, é um erro entender que a globalização aprofunda as desigualdades sociais. Destarte, a elite, sem dúvida, se beneficiou dos meios tecnológicos para intensificar a articulação de seus interesses. Mas, observa-se que o incremento tecnológico dos meios de comunicação e transporte evidenciou as desigualdades que já existiam no seio das mais diversas sociedades. A desigualdade não é uma novidade da contemporaneidade.

Referências Bibliográficas

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **Desenvolvimento e Subdesenvolvimento**. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (org). Agenda Brasileira: tema de uma sociedade em mudança. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 2011. Disponível em: <http://www.bresserpereira.org.br/Papers/2011/2011.Desenvolvimento_e_Subdesenvolvimento_s_no_Brasil.pdf>. Acessado em: 01/10/2016.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **O Conceito Histórico de Desenvolvimento Econômico**. Paper apresentado para curso de desenvolvimento econômico na Fundação Getúlio Vargas. São Paulo/SP: FGV 2006. Disponível em <<http://www.bresserpereira.org.br/papers/2006/06.7-conceitohistoricode desenvolvimento.pdf>>. Acessado em: 01/10/2016.

CANTELMO, Wesley; LOBO, Carlos; HORTA, Célio; GARCIA, Ricardo alexandrino. **Território e Territorialismo**: a abrangência conceitual e a noção de poder. Caderno de Geografia, v.25, n.44, 2015, p.343-367. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/viewFile/9669/8011>>. Acessado em: 01/10/2016.

CASANOVA, Pablo Gonzáles. Globalidade, Neoliberalismo e Democracia. In: GENTILI, Pablo (org). **Globalização Excludente**: Desigualdade, Exclusão e Democracia na Nova Ordem Mundial. 5.ed. Petrópolis/RJ: Vozes: Buenos Aires: CLACSO, 2008. ISBN 978-85-326-2241-9.

CASTRO, Iná Elias de. **Geografia e Política. Território, escalas de ação e instituições**. Rio de Janeiro/RJ: Bertrand Brasil, 2009, p. 213-275.

CHOSSUDOVSKY, Michel. **A Globalização da Pobreza**: Impactos das Reformas do FMI e do Banco Mundial. Tradução de Marylene Pinto Michael. São Paulo/SP: Moderna, 1999.

CRUZ, Bruno de Oliveira; OLIVEIRA, Carlos Wagner Albuquerque de; MOTA, José Aroudo et al. Crise Internacional: metamorfoses de empresas transnacionais e impactos nas regiões do Brasil. Comunicado da Presidência. Brasília/BR: IPEA, 2009. Disponível em: <http://repositorio.ucb.br/jspui/bitstream/123456789/89/1/As%20alian%C3%A7as%20estrat%C3%A9gicas%20transnacionais_fator%20de%20competitividade%20das%20economias%20emergentes.pdf>. Acessado em: 02/10/2016.

HIRST, Paul; THOMPSON, Grahame. **Globalização em Questão**: A Economia Internacional e as Possibilidades de Governabilidade. Tradução de Wanda Caldeira Brant. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

OCAMPO, José Antônio et al. **Globalização e Desenvolvimento**. Brasília/DF: Cepal, 2002. Disponível em: <<http://archivo.cepal.org/pdfs/2002/S2002022.pdf>>. Acessado em 01/10/2016.

RAMOS, Leonardo César Souza. **A Sociedade Civil em Tempos de Globalização**: Uma Perspectiva Neogramsciana. Dissertação de Mestrado apresentado no PPG em Relações Internacionais PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/6617/6617_6.PDF>. Acessado: 26/09/2016.

XAVIER, Marcos. **Internacionalização Municipal**. In: RODRIGUES, Gilberto Marcos Antonio; XAVIER, Marcos; ROMÃO, Wagner de Melo (orgs.). *Cidades em Relações Internacionais: Análises e Experiências Brasileiras*. São Paulo/SP: Desatino, 2009. p. 57-72.